

Sandra SILBERSTEIN. *War of Words: language, politics and 9/11*. London/New York: Routledge. 2004. 197 pp.
ISBN 0-415-33624-4 (Paperback)

Joaquim Barbosa
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

1 – O tema do livro

War of Words fala do ataque às Torres Gémeas do Centro Mundial de Comércio (World Trade Center) de Nova Iorque no dia 11 de Setembro de 2001 e dos acontecimentos que se lhe sucederam: do bombardeamento do Afeganistão, menos de um mês depois, até à invasão do Iraque, ano e meio mais tarde; fala dos Estados Unidos da América, da sua Administração, dos seus meios de comunicação, dos seus medos e das suas emoções. Não é, todavia, um livro sobre o terrorismo ou sobre os E.U.A. Como diz a autora, no primeiro parágrafo,

This book is about language, about the ways language is deployed in times of national crisis. In the aftermath of the events of September 11, through public rhetoric, an act of terror became a war; the Bush presidency was ratified; New York became America's city, with Rudy Giuliani as "mayor of the world". Patriotism became consumerism, dissent was discouraged, and Americans became students, newly schooled in strategic geography and Islam. Perhaps most importantly, public language (re)created a national identity. (p.xiii)

2 – O poder das palavras

A ideia de que a linguagem tem um papel transformador na sociedade ou, pelo menos, nos comportamentos sociais, tem vindo a ser explorada por um número crescente de investigadores,

sobretudo no quadro da *Análise Crítica do Discurso*. Repensando as funções da linguagem, Parker (2003: 4) lembra que

language does not simply represent the world, or float on top of it, but does things, bring about or changes states of affairs.

As consequências das práticas discursivas são igualmente investigadas por Teun van Dijk num ensaio sobre a ideologia – que define como “the basis of the social representations shared by members of a group”. Van Dijk (1988: 5) considera que

Concealment, legitimation, manipulation and related notions that are seen as the prime functions of ideologies in society are mostly discursive (or more broadly semiotic) social practices.

No mesmo quadro teórico, Wodak, de Cillia, Reisigl & Liebhart (1999: 186-187) afirmam:

there is no such thing as *one* national identity in a essentialist sense, but rather that different identities are discursively constructed according to context [...] national identities should be not perceived as static, but rather as dynamic, vulnerable and rather ambivalent entities.

A constatação de que aquilo a que chamamos *identidade*, individual ou de grupo, não é um facto natural, mas uma construção é verificada igualmente pelas neurociências. Veja-se, por exemplo, Damásio (2000: 259):

A ideia que cada um de nós elabora acerca de si mesmo, a imagem que gradualmente construímos de quem somos física e mentalmente, e do nosso estatuto social, baseia-se na memória autobiográfica, é construída ao longo de anos de experiência e é constantemente sujeita a remodelação.

3 – Organização do ensaio

Partindo destes pressupostos, i.e., aceitando que “that through the use of language, we create and recreate particular worlds of understanding” (p. 1), Sandra Silberstein mostra, através da análise linguística de discursos, sermões, entrevistas e emissões de televisão – cujas transcrições fornece em apêndices aos vários capítulos – o modo como a linguagem foi *mobilizada* para permitir a (re)construção de um consenso nacional legitimador do recurso à guerra por parte de um presidente que era o alvo de todas as piadas e que estava longe

de merecer o consenso nacional¹. A investigação está organizada em oito capítulos, distribuídos de acordo com a importância dos *actores* e as diversas fases do processo.

O uso do pronome da primeira pessoa do singular e da voz activa nas primeiras declarações públicas, menos de uma hora depois do primeiro ataque, permitiu a Bush assumir, e mostrar que assumira - porque *governar é, também, falar* – o comando da nação. Esta e outras opções linguísticas e retóricas do actor principal, o presidente, são analisadas no primeiro capítulo – “From Terror to War”.

O segundo capítulo – “Becoming President” – é dedicado à cerimónia religiosa realizada, três dias depois do ataque, na Catedral Nacional para lembrar as vítimas, mas que serviu sobretudo para a (con)sagração do presidente, já comandante-chefe, transformando-o, também, no “capelão da América”. Mostra-o a análise dos discursos, dos sermões ou das palavras do comentador da ABC que se esforçou ao longo da cerimónia por colocar, linguisticamente, toda a América na Catedral, acabando por, numa paráfrase do Salmo 23, colocar Bush no lugar de Deus: “prayers [...] for him and his leadership to lead the nation out of this crisis, out [...] of this valley of evil” (p. 50).

O papel dos meios de comunicação, especialmente da televisão, e da sua relação de mútua sobrevivência com o terrorismo, é tratado no terceiro capítulo – “From News to Entertainment: Eyewitness Accounts” – onde se vê como a percepção dos relatos e das imagens dos sobreviventes, mostradas em directo logo após o colapso das Torres, pôde ser alterada quer pela intervenção dos editores no estúdio, quer pela introdução adequada de legendas nas diversas janelas do ecrã.

“We Americans don’t like our cities very much”. A autora lembra (p. 91) esta afirmação de um antigo *mayor* de Nova Iorque, para mostrar, no capítulo 4 – “New York Becomes America(n)” – como foi possível, através de discursos adequados, alterar a visão da cidade como “uma instituição suspeita”, fazendo de Nova Iorque a América e de cada americano um nova-iorquino.

¹ George Bush foi o primeiro presidente americano legitimado pelo tribunal e não pelo número de votos.

O capítulo 5 – “Selling America” – mostra como foram alteradas as leituras dos *slogans* de sensibilização à natureza multicultural americana e à tolerância, gerando fenómenos de consumismo - a moda do uso das cores nacionais americanas - e, conseqüentemente, de discriminação - quem não as usa “não é americano”.

As tentativas de desencorajamento da oposição à guerra são analisadas no capítulo 6 – “The New McCarthyism” – onde são desmontadas, ponto por ponto, as falácias lógicas da “lista negra” do ACTA (American Council of Trustees and Alumni) – “watchdog group to monitor and influence higher education” (p. 127) – com declarações de 117 académicos consideradas anti-americanas².

Na sequência do 11 de Setembro de 2001, os meios de comunicação, sobretudo a televisão, empenharam-se em “escolarizar” os americanos acerca da geografia das regiões onde, presumivelmente, se encontraria a origem do terrorismo e sobre a religião dessas regiões. O capítulo 7 – “Schooling America” – mostra como nos programas, apresentados como culturais neutros e tolerantes, os muçulmanos e o Islão são apresentados basicamente como “problemas” que é necessário “resolver”.

Por fim, no capítulo 8³ – “The Rhetorical Years: the Second Anniversary and Beyond” – são analisados os discursos utilizados no primeiro aniversário do 11 de Setembro, na preparação da invasão do Iraque e ainda na questão das limitações aos direitos e garantias dos cidadãos decorrentes do USA PATRIOT Act, acrónimo - considerado orwelliano pelo *Washington Post* - de “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism”.

4 – Apreciação geral

Ainda que por vezes a leitura exija alguma familiaridade com alguns conceitos ligados à análise linguística, que nem todos os

² O ACTA, que nos meios académicos é lido como “Arbitrary Committee for Talibanization of America or Academe”, foi fundado em 1995 por Lynne Cheney, mulher do vice-presidente Cheney.

³ Este capítulo não existe na 1ª edição (2002).

leitores possuirão, este livro de Sandra Silberstein – investigadora e professora de Linguística Aplicada na Universidade de Washington, em Seattle – é uma demonstração do papel da linguagem na (re)criação de consensos e de identidades que, muitos, julgamos factos. E é, igualmente, a demonstração do papel dos meios de comunicação na “construção” de acontecimentos.

Uma leitura recomendável a todos os que se interessam pela linguagem e pela sua *força*.

REFERÊNCIAS

- Damásio, A. 2000. *O Sentimento de Si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Parker, I. 2003. Discursive resources in the Discourse Unit. *Discourse Analysis Online* 1 (1). (<http://extra.shu.ac.uk/daol/index.html>)
- Van Dijk, T. A. 1998. *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. London: SAGE Publications.
- Wodak, R.; de Cillia, R.; Reisigl, M.; Liebhart, K. (Eds.). 1999. *The Discursive Construction of National Identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press.